

1. Introdução

1.1 Objetivos Gerais e Problema

A presente dissertação pretende investigar os aspectos lingüísticos da forma **não-x** sob a ótica lexical, percorrendo, ainda, os possíveis aspectos semânticos que perpassam o assunto. A tradicional análise gramatical classifica o **não** como advérbio. Cunha e Cintra apresentam a classificação baseada na NGB que, segundo os autores, distingue os advérbios em nove espécies, sendo uma delas os advérbios de negação, categoria que conteria um único elemento, o **não**. Segundo esta classificação, o advérbio de negação “antecede sempre o verbo” (CUNHA E CINTRA, 1999: 530). A visão de que o **não** atua exclusivamente como advérbio é igualmente predominante em manuais de ensino escolar. Na Gramática Escolar de Bechara, por exemplo, recomenda-se que o aluno classifique que o **não** como advérbio de negação, conforme exemplificação do autor: “O aluno **talvez não** tenha redigido **muito bem**. (dúvida, negação, intensidade, modo) [grifos do autor]” (BECHARA, 2004: 274).

Ora, o advérbio, conforme a referida abordagem tradicional, é expressão que modifica o verbo, constituída por natureza nominal ou pronominal. Admite-se, porém, que esses elementos podem, além do verbo, se referir a um grupo nominal unitário, a um adjetivo, a outro advérbio ou a uma declaração (BECHARA, 2004). No entanto, em algumas situações cada vez mais comuns na língua, enquadrar o **não** como advérbio torna-se impossível. Citamos casos como: “O Alcorão não diz que os **não-muçulmanos** não podem ser amigos dos muçulmanos, nem proíbe os muçulmanos de serem amigáveis com os **não-muçulmanos**”, ou: “Em matemática, uma geometria **não-euclidiana** é uma geometria baseada num sistema axiomático distinto do da geometria euclidiana”.

Os casos em que o **não**, com ou sem hífen¹, figura diante de substantivo ou adjetivo modificando-os são cada vez mais profusos na língua e vêm cha-

¹ O problema encerrado pelo hífen dá margem para um questionamento importante: como escrever as formações **não-x**, na medida em que não há ainda uma concordância quanto ao assunto? As normas prescritas pelo VOLP não são claras, pois embora o item 15 da referida resolução decida que está excluído o

mando a atenção dos estudiosos. Ocorrências semelhantes aos exemplos citados parecem mais bem classificadas quando analisadas à luz da teoria lexical. Confirmada a potencialidade destas formações em constituírem novos itens, é razoável admitir que as mesmas sejam formadas ou pelo processo de derivação, funcionando o **não-** como um prefixo, ou ainda por meio da composição, caso em que o **não-** atuaria tal qual um elemento composicional fixo.

Abordagens mais recentes sobre o léxico seguem este raciocínio, havendo um entendimento predominante de que **não-x** deve ser tratado como um caso de prefixação. Um trabalho, no entanto, classificou as ocorrências **não-x** como composicionais. Outros autores são mais específicos em suas análises, e questionam a universalidade do **não-x** como formador de novos itens lexicais. As dissidências quanto às questões semânticas envolvidas também existem de forma contundente. Almeja-se, portanto, investigar qual seja a melhor classificação para estas ocorrências, bem como verificar a facticidade dos significados propostos. Para tal, analisar-se-á um *corpus* formado por dois *corpora* representativos, sendo um composto por dados de língua oral e outro de língua escrita. Assim, pretendemos investigar os demais trabalhos que versam sobre o tema, bem como analisarmos um *corpus*, com o objetivo de chegarmos a definições mais concretas sobre o assunto.

1.2

Metodologia, Pressupostos Teóricos e Organização do Trabalho

Este estudo partiu da idéia de que o **não** anteposto a substantivos e adjetivos é elemento freqüente na língua portuguesa. Quando fala de produtividade, Basílio (1990) toca em um ponto nevrálgico – a palavra “produtividade” é em si mesma carregada de uma polissemia que muitas vezes gera incompreensões. O termo “produtivo” pode se referir à aplicabilidade de uma regra de produtividade, isto é, o potencial lingüístico de uma regra de formação de palavras, mas por

hífen “nos casos em que as palavras **não** e **quase** funcionam como prefixo”, mais adiante lemos que “para atender as especiais situações de expressividade estilística com a utilização de recursos ortográficos, se pode recorrer ao emprego do hífen nestes e em todos os outros casos” (VOLP – Editora Global, São Paulo: 2009, LIII). Não adentraremos nesta questão, visto que tal feito demandaria um estudo mais aprofundado e sobretudo crítico. Ressaltamos, porém, que tais reflexões não devem ser olvidadas.

outro lado, também pode se referir ao potencial de ocorrência de uma regra ou fenômeno lingüístico. Por isso, a autora afirma: “proponho que se estabeleça uma distinção entre condições de produtividade e condições de produção” (BASÍLIO, 1990: 02). Estamos de acordo com Basílio no que tange à polissemia do termo “produtividade”. Nosso objetivo não é testar a validade de uma regra de produção, mas avaliar a frequência em que formações **não-x** podem aparecer na língua, bem como as propriedades destas ocorrências. A facilidade em acessar um *corpus* escrito com farta ocorrência do **não-x** revela, portanto, a relevância desta formação.

Assim, para a realização do presente estudo, foi adotada a seguinte metodologia: Levantam-se, inicialmente, as questões pertinentes à delimitação das unidades lexicais, ou seja, tenta-se mostrar que a pergunta “o que é palavra?” abrange uma série de problemáticas e reflexões importantes. Em seguida, fala-se dos dois principais processos de formação em língua portuguesa: a composição e a derivação, hipóteses possíveis para a explicação do fenômeno estudado. Para tal, apresentamos, em um primeiro momento a abordagem gramatical destes dois macro-processos de formação, mencionando-se, no entanto, alguns aspectos importantes estranhos à visão tradicional e que foram notados por pesquisadores do tema.

A seguir, a pesquisa busca confrontar as diversas propostas existentes sobre a questão central dessa investigação: o **não-x**. São apresentadas as diferentes visões dos lingüistas que estudaram a matéria, bem como é mostrada a abordagem presente nas diversas gramáticas consultadas.

Finalmente, o *corpus* é analisado a partir das propostas apresentadas anteriormente. O *corpus* é composto por dois *corpora*, um referente à linguagem oral e outro à modalidade escrita. A fonte escrita é composta pelo jornal Folha de São Paulo, acessado através do projeto LINGUATECA AC/DC CORPUS NILC, e a parte referente à língua falada provém do CORPOBRAS PUC-RIO. É consultado como suporte auxiliar desta pesquisa o dicionário HOUAISS em duas versões: a eletrônica 1.0, atualizada de acordo com o Acordo Ortográfico, e a edição de 2001.

Ressalta-se que parte do trabalho segue a metodologia e os pressupostos ditados pela lingüística de corpus. Os dois *corpora* são informatizados e para a manipulação dos seus dados, foram utilizadas duas ferramentas computacionais:

O programa WordSmith Tools e o *software* ATLAS.ti. Houve ainda a preocupação em seguir os conceitos de representatividade presentes na lingüística de corpus.

Buscamos, pelos referidos meios, testar a seguinte proposição: Somente em três situações o **não-** anteposto a nome configura um processo de criação lexical. A saber, em: a) classificações binárias; b) nos casos em que o **não-** se adjuge a um substantivo que possui referente humano e c) quando o **não-** é utilizado como recurso estilístico.

Quanto aos pressupostos teóricos referentes à teoria lexical, tomamos como base Basílio (1980, 1987, 1990, 1997, 1999, 2000) ao longo de todo o trabalho. Seguimos a autora (1987) em sua visão de que o léxico, embora dotado de características funcionais que o conduzem para as irregularidades e as ocorrências esporádicas, também se constitui, por natureza, de propriedades marcadas pela previsibilidade. Da mesma forma, nos apoiamos em Basílio (*idem*) quanto à concepção do léxico como um lugar de interface cultural onde se armazena o conhecimento, bem como se engendram novas unidades. Deste modo, o estudo de novas formações torna-se relevante na medida em que possibilita verificar estas duas características do léxico.

Após apresentadas as reflexões pertinentes à análise realizada, busca-se verificar também as questões de ordem semântica relevantes. São, assim, descritas as conclusões e mostrados outros pontos relevantes sobre o assunto que não puderam ser tratados nessa pesquisa.